



Evento: XXXIV Seminário de Iniciação Científica

VIOLÊNCIA VERBAL CONTRA MULHERES: A DANÇA COMO AÇÃO ESTÉTICO-EDUCATIVA¹

Emily de Oliveira Basso², Maria Simone Vione Schwengber³

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí; com financiamento da agência FAPERGS.

² Estudante do curso Educação Física, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - PROBIC/PROBITI-FAPERGS.

³ Professor orientador do projeto Palavras Reivindicadas diante das Violências: o que podem as comunidades pedagógicas? Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Entendemos as violências como qualquer ato que prejudique o Outro, ferindo sua integridade física, psíquica, moral e social (Brasil, 2006). Entre suas diferentes manifestações, destacamos a violência contra a mulher, inserida no campo da violência de gênero, compreendida como aquela que ocorre tanto no ambiente doméstico quanto nos espaços públicos e de trabalho, decorrente de relações sociais marcadas pela subjugação e objetificação das mulheres (Saffioti, 2004).

O debate sobre as violências de gênero tem se ampliado por meio de agendas internacionais, nacionais e das diferentes campanhas feministas. Organizações como a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco, 2021), juntamente com fóruns de discussão e campanhas, contribuíram para a disseminação de conteúdos e perspectivas de enfrentamento às violências (FBSP, 2024; Brasil, 2020; Schwengber, 2025).

Partindo dessa compreensão, a hipótese que orienta este trabalho é a de que as violências contra as mulheres exigem um trabalho educativo capaz de produzir reflexão, consciência e reapropriação de si no e pelo coletivo. Trata-se de favorecer novas leituras sobre as experiências de violência vividas pelas mulheres, possibilitando um excedente de visão que amplie a compreensão das tramas que sustentam essas violências. Esse movimento pode contribuir para o deslocamento da posição de vítimas silenciadas para a de sujeitos que reivindicam e se posicionam diante das violências sofridas, assumindo formas educativas de



enfrentamento. Com esse propósito, aproximamo-nos de um grupo de mulheres participantes de uma escola de dança da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Nesse horizonte, elegemos a dança como eixo central da proposta por entendê-la como uma forma de conhecimento que reconhece o corpo como lugar de memória, afeto e elaboração crítica (Marques, 1998). A partir disso, formulamos as seguintes questões: Quais violências esse grupo de mulheres vivenciava em seus cotidianos? Dentre elas, qual foi selecionada para ser problematizada por meio de performances corporais? E quais razões atravessaram essa escolha? Destacamos que o presente trabalho se relaciona com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável de número 05 “Igualdade de Gênero” (Nações Unidas Brasil, 2025) e foi aprovada pelo Comitê de Ética da Unijuí, sob o parecer CAAE número 53035721.9.0000.5350.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa que se aproxima da pesquisa-ação, entendida como pesquisa-participativa, preocupada com a problematização coletiva de um tema/problema no qual pesquisadoras e participantes estão envolvidas. A pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação prática (Corrêa; Campos; Almagro, 2018). As participantes da pesquisa foram oito mulheres recrutadas de uma escola de dança da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Esse grupo foi escolhido devido à relação de vínculo já existente entre uma das pesquisadoras e as participantes. Foram sugeridos três encontros de uma hora, com exercícios orientados de dança e verbalização. Como instrumento de produção de dados, utilizamos vídeo e áudio das sessões (com consentimento).

As sessões tiveram como centralidade alguns questionamentos: Quais experiências de violência você conhece ou já vivenciou ao longo da sua trajetória? Entre essas experiências, quais você considera mais marcantes ou recorrentes em sua vida e/ou no seu cotidiano? Quais dessas violências você gostaria de problematizar coletivamente por meio da dança? Por quê? Pós-intervenção: Que sentidos emergiram a partir da criação e da vivência das performances corporais?

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Inicialmente o grupo de mulheres foi convidado a compartilhar as experiências de violência que conhecem e/ou vivenciam, e, a partir dessa provocação, emergiram falas como:

A violência, para mim, começa pelos olhares. A maneira como observavam, olhares que nos diminuía, comentários lançados, uma violência silenciosa, mas constante. Uma violência visual que me e nos segue por anos, tão naturalizada no cotidiano que, por muito tempo, eu mesma duvidei do que via (Participante 1).

É possível assegurar, a partir dessas narrativas discursivas, que esse grupo de mulheres vivencia e/ou já vivenciou um conjunto de violências, desde olhares invasivos que sexualizam, julgam, ameaçam, seja de forma verbal, física, psicológica, intrafamiliar, sexual, moral ou digital. As nossas conversas fluíram de maneira que foi possível provocá-las de que teríamos de fazer uma escolha de qual violência problematizar. Assim, o grupo discutiu e escolheu problematizar a violência verbal, porque do ponto de vista delas “a violência verbal é a mais presente em nosso cotidiano” (Participante 1, 5).

A escolha desse grupo de mulheres, referindo-se à problematização sobre a violência verbal, encontra ressonância em Araújo (2025, p. 16), que argumenta que “a violência verbal constitui uma prática amplamente naturalizada e, por isso, socialmente tolerada”. A escolha pela violência verbal se explica pelo seu caráter transversal, uma vez que ela atravessa e se manifesta em quase todos os outros tipos de violência, como física, psicológica, sexual, digital, laboral, de assédios, entre outras. É importante lembrar, sobretudo, que a violência verbal costuma ser a porta de entrada para quase todas as formas de “violência” (Brasil, 2006).

Nesse âmbito, muitas mulheres, como destaca hooks (2019), toleram e relativizam a violência verbal porque são socializadas (educadas), considerando-as parte do cotidiano. A violência verbal é tão comum que, muitas vezes, passa despercebida. É, no entanto, justamente essa banalização e/ou naturalização da violência verbal nas relações que as tornam menos graves. Desse modo, destacamos o quanto precisamos falar sobre a violência verbal, nomeá-las e enfrentá-las como parte fundamental da qualidade das relações (hooks, 2019).

As performances corporais construídas pelas participantes evidenciam diferentes formas de vivenciar e enfrentar a violência verbal. Em alguns momentos, o corpo aparece em movimento de resistência e enfrentamento, com gestos de empurrar, afastar, bloquear e denunciar a agressão. Braços estendidos, mãos abertas e a projeção da voz simbolizam a



tentativa de estabelecer limites, romper o silêncio e reivindicar a não violência. As mulheres associaram essas expressões corporais à força, à defesa e à recusa em aceitar os efeitos das palavras violentas, demonstrando que o corpo também pode atuar como instrumento de denúncia e resistência.

Em contraste, outras performances revelam os impactos subjetivos da violência verbal por meio de gestos de recolhimento, autoproteção e silenciamento. Corpos curvados, braços cruzados sobre o peito, mãos cobrindo o rosto ou a boca, olhares baixos e posturas fechadas expressam sofrimento, medo, tristeza, exaustão emocional e internalização da agressão. As participantes destacaram que essas imagens representam tanto o peso das palavras violentas quanto as estratégias de sobrevivência diante delas. Assim, as performances oscilam entre resistência e vulnerabilidade, evidenciando que a experiência da violência verbal produz marcas corporais complexas, nas quais dor, silêncio, reflexão e enfrentamento coexistem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a dança pode constituir-se como uma potente ação estético-educativa para problematizar a violência verbal, transformando experiências frequentemente invisibilizadas e silenciadas em linguagem, gesto e reflexão coletiva. Por meio das performances, os corpos das mulheres tornaram-se espaços de enunciação, denúncia, resistência e reivindicação, permitindo que a violência fosse compreendida para além da linguagem verbal, como uma experiência vivida e inscrita corporalmente. Nesse processo, a dança favoreceu a conscientização, a expressão e o enfrentamento das violências, demonstrando que práticas educativas sensíveis e coletivas podem contribuir para romper silêncios, produzir novos sentidos e fortalecer movimentos de transformação social.

Palavras-chave: Dança. Mulheres. Violência verbal.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pela concessão da bolsa de Iniciação Científica que possibilitou a produção deste resumo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ana Paula. **Agressão: a escalada da violência doméstica no Brasil**. Rio de Janeiro: Globo, 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 12 de jun. 2026.

CORRÊA, Giovana Camila Garcia; CAMPOS, Isabel Cristina Pires de; ALMAGRO, Ricardo Campanha. **Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa**. Sorocaba: Ensaios Pedagógicos, 2018.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Indicadores de violência contra a mulher no Brasil: relatórios anuais**. São Paulo: FBSP, 2024.

HOOKS, bell. **Erguer a voz como feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

MARQUES, Isabel A. **Corpo, dança e educação contemporânea**. Pro-Posições, 1998.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Brasil, 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em 12 de jun. 2026.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Violence against women: prevalence estimates**. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 12 de jun. 2026.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **As mulheres erguem a voz diante das violências corporais e sexuais**. Rio de Janeiro: Sociedade e Estado, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/56821>. Acesso em: 25 de jun. 2026.

UNESCO. **Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura**. Guidelines for Gender Equality in Education. Paris: Unesco, 2021. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/gender-equality/education>. Acesso em: 12 de jun. 2026.